

Termômetro causa febre?

VICENTE AMATO NETO
e JACYR PASTERNAK

Não é incomum que determinados acontecimentos, inclusive no contexto da saúde pública, fiquem focalizados destacadamente e exaltados sem que suas causas, na verdade mais importantes e dignas de atenção, mereçam enfoques primordiais. Quando, diante de certos fatos, torna-se imperioso analisar as gênese deles, para permitir adequadas correções e atitudes preventivas, tem sido freqüente conceder maiores atenções às consequências, até mesmo de maneira sensacionalista, consumando inadequações criticáveis.

Vamos citar dois exemplos, relacionados com ocorrências recentes e atuais. Um diz respeito ao dengue, que reapareceu no Brasil, assumindo em alguns lugares caráter epidêmico. Números de enfermos, expansão da doença ou aspectos clínicos e complicações fazem parte de divulgações proeminentes, costumadamente.

Todavia, o retorno do mosquito transmissor, denominado *Aedes aegypti*, antes eliminado do País, não recebe considerações do mesmo vulto, ficando esquecido o aspecto crucial da questão, ou seja, o descuido que possibilitou a reinstalação desse vetor em múltiplas partes do território nacional, condicionando o reaparecimento do dengue. Assim, o efeito ganhou projeção desproporcional em relação à origem e isso é preocupante; pois há o imperdoável risco de esquecimento da lição, no que tange à moléstia citada e a problemas congêneres.

A segunda ilustração vincula-se ao atendimento às emergências médicas em São Paulo. Em virtude da falta de sistema apropriado em vigor, inconveniências ocorrem sistematicamente nesse contexto e criam comportamentos indevidos. Assim, há pouco tempo, serviços fecharam as portas em virtude do esgotamento de recursos, por omissão da área previdenciária, que não destinou as verbas devidas. Aí, os setores do Hospital das Clínicas, da Fa-

culdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que concedem atenção aos membros da comunidade acometidos de variadas afecções agudas, surgiram exuberantemente em cena, por meio da ação de certos órgãos da imprensa, ávidos por notícias concernentes à capacidade, clientela, materiais disponíveis, eventuais deficiências e acolhimento em macas.

Não é simples entender porque a instituição referida, sempre alerta, representativa do último reduto quando todos os outros falham, habitualmente sobrecarregada, dependente da benemérita dedicação de seus profissionais, insatisfeita por circunstancialmente precisar trocar qualidade pela quantidade e digna de encômios sem restrições, passou a constituir fulcro de noticiário, por vezes espalhafatoso. Aos que se omitem, fracassam ou participam com descaso deveriam, logicamente, convergir as preocupações, assim como a essência da incompleta estruturação de plano global e essencial.

Sensatez é necessária. Para construir, cabe apreciar os assuntos devidamente. Não é possível atribuir ao termômetro a causa da febre. Não é justo pôr a culpa da doença na vítima, como tantas vezes aconteceu na história da Medicina. E a discriminação contra o leproso, que após tratamento não contagia, é ilustração gritante disso. Antigos reis da Assíria tinham o encantador costume de, ao receber mensageiros que lhes traziam más notícias, submeterem os portadores à caefalectomia radical, cortando-lhes a cabeça.

Não consta, no entanto, que tal sistema já tenha sido útil para resolução dos percalços aziagos comunicados às majestades. E, provavelmente, a conduta contribui decisivamente para que o soberano, posteriormente, superenda-se com o número de coisas que ele não sabe, nunca tomou conhecimento ou ouviu falar e, até, poderia corrigir se ao menos fosse informado.

■ Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak
são médicos e professores universitários.